

Este livro discorre sobre a vivência de sujeitos diante da morte iminente, neste caso de pacientes com AIDS, a partir do campo transferencial. Labaki busca uma inteligibilidade metapsicológica desta vivência efetuando um trajeto na obra freudiana pelas noções – chave como a pulsão, o desamparo e as correlatas versões acerca da angústia e do masoquismo.

Intensidade. Diante da ameaça de morte, de uma morte anunciada, de si ou de um próximo, tudo fica assim: intenso, siderante, implacável. Dias atrás, uma notícia alarmante apressou-me às portas de um hospital de crianças. Um bebê, de poucas semanas, filho de um amigo, foi internado no Centro de Terapia Intensiva. No *hall* de entrada, encontro o pai. Contame que o menino estava se recuperando de uma cirurgia: bateu a cabeça, fez um galo, se desenvolvendo numa assustadora bolha de sangue. Após a tomografia recomendada, o médico se reúne com os pais, colocando-os a par da situação dramática do filho: “será submetido, imediatamente, a uma neuro-cirurgia à qual não sabe-

## A carne do olhar a morte

Resenha de Maria Elisa Pessoa Labaki, *Morte*, coleção *Clínica psicanalítica*, São Paulo, Casa do Psicólogo, 2001, 103 p.

mos dizer se sobreviverá”. Eis um “relato” de ameaça, de possibilidade de morte, nos precipitando no âmago de uma vivência de horror, de susto. Todas as preocupações cotidianas, privadas e as compartilhadas com os outros, afastam-se, *perdem sentido*. Um recuo subjetivo semelhante ocorre até mesmo com a vivência sensorial, do ambiente, das imediações físicas (a rua e transeuntes). Tudo se esmaece, condensando-se em um só ponto, de angústia, susto; ou se esvai em infinitos espaços, de medo, de vazio. Ao mesmo tempo, instala-se, para além da mera solidariedade, a intimidade, a proximidade – deixando um espaço ínfimo entre os corpos – com o outro afetado mas, também e sobretudo, com algo verdadeiro de si. Sensibilidade e atenção extremadas, área de *preocupação materna primária*, como soube descrevê-la Winnicott. Almeja-se, secretamente, permanecer neste estado; há, freqüentemente, um autêntico *fascínio* por esta condição mental.

Eis, então, um episódio que dá lugar a uma vivência na qual

o estranho se mescla ao que nos é mais íntimo – estranhamente familiar, *unheimliche*. Um caso talvez mais ameno daqueles relatados pela autora. Pacientes infectados por um vírus cuja potência mortífera, de demolir o sistema imune, provém de uma esperteza, evolutiva, de se fazer passar por *familiar*, sendo, no entanto, um *estranho*, “ávido” em parasitar e se propagar nas células do sistema imune.

O livro de Labaki, com seu estilo descritivo nos primeiros capítulos, foca justamente esta dimensão estética da fenomenologia da vivência de pacientes contaminados pelo HIV, ainda assintomáticos, diante da notícia de serem portadores deste mal, da morte iminente.

Sujeitos atendidos pela autora, num contexto de uma terapia de apoio, nos meados dos anos oitenta até os inícios dos anos noventa, nos “aposentos”, bastante peculiares e inusitados, de uma repartição pública do Estado de São Paulo.

A atenção ao plano fenomenológico, do sofrimento, é, nos alerta a analista, imprescindível para a escuta desses pacientes. *Pathos* é caminho. Entregar-se à passividade, à paixão e ao afeto, é a via inexorável para que o caos traumático reencontre a tópica, as figuras, as representações e as referências, de investimento libidinal, a vida. Para tanto, do lado do analista, não basta a compaixão e o padecimento. O plano fenomenológico deve poder dar acesso e passagem, em algum momento, para o metapsicológico; o analista precisa recuperar o *lugar*, o seu, para a linguagem, o pensar e a ação da fala. (A autora nos conta que precisou, em certo momento, se retirar, decidiu estudar, para poder pensar...). Pois, como assinalamos acima, o que caracteriza o traumático é a impotência diante de um excesso de violência, de intensidades. O espaço psíquico, os sentidos e representações, as mais básicas – ou seja, todas as referências auto-eróticas do eu – encontram-se sob o perigo de submergirem no *caldeirão em rebuliço* (imagem freudiana do isso), das intensidades pulsionais, além do eu ficar expos-

to às cruezas dos estímulos objetivos e sensoriais.

Um estímulo real viria a ter um efeito traumático de aliar-se a, ou de recrutar uma excitação interna incapaz de se inserir nas rotas autoeróticas, trançadas pelas inscrições mnêmicas que moldam o desejo inconsciente. Portanto, este deixaria de despertar seja o sintoma neurótico seja a angústia do desejo, ambos matizados dentro da matriz conflitual edípica. Nessas circunstâncias, o aparelho psíquico recorreria a uma defesa primitiva, a *angústia automática*, pertencente ao estado de desamparo de origem, para resguardar o terreno psíquico primeiro, sobre o qual emergiu o eu. Outro respiro do aparelho, observado por Freud em *Além do princípio do prazer* (1920), diante desta violência que ameaça demolir as aquisições psíquicas, é, segundo pensamos, o esforço, também defensivo, de barrar a implicada desintricação pulsional pela erogenização, dando reforço ou resgatando o masoquismo primário – fonte de todo o projeto libidinal do psiquismo –, o que acarreta, no sofrimento desses pacientes, a manifesta tendência masoquista, moral, do eu.

Como exemplo deste estímulo real, desencadeador des-

sas possíveis e desastrosas conseqüências para o psiquismo, Freud menciona o choque criado pelos acidentes ferroviários ou os cenários bélicos da guerra. Entretanto, no contexto em que se situa nossa autora, a notificação “você está contaminado pelo HIV” com sua implícita morte anunciada, marcada, não deixam de ser elementos reais, provocando o mesmo efeito em cadeia descrito acima.

Na passagem entre a primeira (a vivência transferencial e contra-transferencial) e a segunda parte do livro (o suporte metapsicológico acerca dos destinos do traumático) – demarcação estabelecida por mim, não pela forma em que estão organizados os diferentes capítulos do livro –, Labaki volta, com a atualidade de seu “material”, a um velho questionamento sobre a afirmação de Freud de que não existe no inconsciente quaisquer registro da morte ou da finitude. O desenvolvimento teórico que ela tece, enveredando pela problemática do desamparo e a passagem da angústia automática para a angústia-sinal, assim como da fundamental função do objeto na maturação psíquica, esboçam uma resposta instigante para o dilema da inscrição da morte no psiquismo.

A violência só tem sentido, como atesta a condição originária de desamparo, se existe uma defesa; a necessidade de resguardar um terreno primário, precursor do eu. Ou seja, é sob a égide de um princípio defensivo, articulando violência (pulsional, sensória e objetiva) e

espaço primitivo da psique, que se delinea a vivência de morte. A morte diz respeito a esta ameaça, e o terreno primitivo é, do ponto de vista econômico, não um suposto ego inato mas uma configuração tópica criada pelas conseqüências dinâmicas da ação do retraimento narcísico das moções centrípetas, inerentes ao princípio que rege as pulsões de morte, sobre as pulsações, centrífugas, oriundas da violência (pulsional, sensória e objetiva), associadas à emergência da vida. Nasce então o espaço da psique primitiva, ainda não mapeada mnêmica e autoeroticamente. O isso, então, não tem registro da ameaça de morte mas é a efervescência do primeiro que alerta o eu, reativando a “memória” de sua condição de origem, de um terreno primitivo precário diante da violência da vida.

Neste contexto, o da defesa, Labaki aprofunda e radicaliza esse princípio quando, seguindo Green, situa a angústia-sinal num estágio evolutivo avançado em relação

à automática. O *sinal* é germe simbólico preservativo, signo de uma configuração objetiva, sobre o qual podem se apoiar os investimentos libidinais.

Para finalizar, não podemos deixar de mencionar o efeito singular e imediato do livro sobre o leitor. O estilo expressa e transmite, sem mediações, a experiência de morte no campo transferencial da terapia desses sujeitos. A *intensidade* permeia a construção da conjugação das palavras, das frases, do texto como todo. Tudo é intenso. O que demonstra que a analista não se furta à experiência da iminência da morte. Ao contrário, ela a encarna no olhar da cena da qual é uma viva participante. O fascínio pela morte, sobretudo no vislumbre da própria, é marca conhecida do recurso depressivo diante do estado agudo de desamparo, porque se vale da erogenização da violência da morte, no eixo traçado pelo masoquismo primário. O último está atrelado, paradoxalmente, também, a uma aposta na vida, de si e do outro. Maria Elisa admite ter, desde cedo na vida, um fascínio pela morte, infiltrando a textura da carne do seu texto. No entanto, ela transmite um esforço que faz verter essa delicada balança, do masoquismo erógeno primário, em direção e a serviço da vida.

**Daniel Delouya** é psicanalista, membro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae, professor no Programa de Pós-graduação em Psicologia, diretor do Centro de Estudos e Pesquisa em Psicanálise da Universidade São Marcos e autor, entre outros, do livro *Depressão, estação psique: refúgio, espera, encontro* (São Paulo, Escuta, 2002).